

## **EDUCAÇÃO SOCIAL, EXPERIÊNCIA, E ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES**

GT 16: TRABALHO E EDUCAÇÃO  
**Relato de experiência**

Jean Cristina da Silva Oliveira de SOUZA (Docente da rede municipal/Ladário/Mato Grosso do Sul)  
Jeanecristina830@gmail.com

### **1 Introdução**

É indubitável o valor do compartilhamento de uma experiência entre as pessoas, experiências daquelas que impactam e fazem crescer de forma pessoal e profissionalmente. Acerca disso, o filósofo alemão Walter Benjamin (1994, p.201) afirmava: “O narrador sempre tem algo a ensinar, a transmitir, a sugerir, porque possui sabedoria.” Contudo, a experiência está em declínio, estamos cada vez mais pobres de experiência, ressalta o autor.

Este trabalho apresenta um relato de experiência que vivenciei no ano de 2003, no município de Ladário -MS, no Programa Brasil Alfabetizado, exercendo a função de supervisora.

O objetivo deste trabalho é apontar a potência da Educação Social para a formação integral de jovens e adultos em processo de alfabetização em espaços não escolares. Bem como, discutir a articulação da proposta freireana com a Educação Social. Compreendendo que a Educação Social pode transformar vidas e a própria sociedade.

A metodologia desenvolvida neste trabalho refere-se a pesquisa bibliográfica e a narrativa (auto)biográfica. Os estudos apontaram que a Educação Popular contribuiu para a Educação Social no Brasil, e a educação para a transformação social requer um fazer pedagógico que respeite o saber do educando e desenvolva sua autonomia e criticidade em espaços escolares e/ou não escolares.

### **2 O Programa Brasil Alfabetizado em Ladário**

Essa política Pública criada no Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e era desenvolvida em regime de colaboração com estados e municípios com a finalidade de

Realização



erradicar de jovens e adultos maiores de 15 anos de idade, à época estava em torno de **11,6%** em valores absolutos a população atingia **14.959.092** no Brasil. Conforme o MEC o programa era considerado “uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade”.

A prefeitura municipal de Ladário aderiu a proposta de participar do Programa Brasil Alfabetizado, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul para o desenvolvimento da política pública educacional de alfabetização de jovens e adultos.

Na ocasião, foram constituídas dezesseis turmas, com aproximadamente 323 alfabetizandos, que estudavam em diversos espaços: centros comunitários, igrejas, escolas, centro espírita, residências entre outros, o importante era que todos tivessem oportunidade de estudar. E após concluírem 08 meses de participação no curso, estudando 10 horas semanais, os alfabetizandos seriam encaminhados para cursar a primeira fase da Educação de Jovens e Adultos. Recordo-me que na função de supervisora local do Programa Brasil Alfabetizado eu realizava visitas técnicas nos locais de formação e assistia as aulas dos alfabetizadores, e numa dessas visitas vivenciei a experiência narrada a seguir.

## 2.1 A experiência de João

Como de costume cheguei antes da aula começar, pedi licença à alfabetizadora Beth, cumprimentei os alfabetizandos, e me sentei no fundo da sala para observar o desenvolvimento da aula. A professora começou a aula com uma conversa informal e perguntou se os alfabetizandos lembravam o tema gerador da semana. Alguns deles responderam sorrindo:

-Dinheiro pra quê? Pra quê dinheiro?

A aula corria de acordo com o planejado, falaram sobre os gastos básicos de uma família, sobre o valor do salário mínimo, e calcularam o preço de um sacolão entre outras questões relativas ao uso do dinheiro no cotidiano. Lembro-me da alfabetizadora levar cédulas de brinquedo para simularem operações matemáticas e depois lançar desafios para resolverem em grupo. Simularam até uma compra de produtos no mercado. Até aí considerei tudo de acordo com a proposta freireana prevista no programa. No transcorrer da aula um fato inusitado aconteceu. De repente, o alfabetizando João, que quase não falava, disparou a contar a seguinte experiência que viveu: - Professora Beth, agora ninguém mais vai me passar a perna quando eu for receber o dinheiro do meu trabalho.



A professora sabia que João carpia quintal para ganhar a vida e sustentar sua família, por isso, perguntou-lhe: - Como assim João? O que houve?

Ele respondeu: - Agora estou aprendendo o valor do dinheiro, de cada cédula, a cor e o desenho de cada bicho das notas. Já estou sabendo até somar e diminuir. A senhora sabe que fui criado na fazenda, lá meu pai que mexia com o dinheiro quando vinha pra cidade. Eu quase não pegava em dinheiro, só na enxada mesmo! E João continuou a contar:

-No outro dia um homem me chamou para carpir um terreno que ele comprou perto da casa dele, era bem grande, pegava de um lado ao outro da rua. Eu carpi tudo! Levei quase três dias trabalhando no sol professora!

Quando eu acabei fui até a casa do homem “pra chamar ele” pra ver que terminei o serviço, carpi, rastilhei, joguei os lixos, tirei as pedras estava limpinho. Ele me perguntou quanto que saia meu serviço... Eu falei que seria vinte reais. Porque eu perguntei pra minha mulher antes, quanto ela achava que eu deveria cobrar. Ela disse: vinte reais dão pra fazer uma comprinha boa aqui pra casa.

O homem falou que tudo bem, e pegou duas notas e me deu. Eu achei que era vinte reais - igual a esse que a senhora tá mostrando aí - mas quando cheguei em casa mostrei o dinheiro pra mulher. Ela disse que ele me deu só tinha me dado dois reais e não daria pra comprar nada! Eu fiquei com raiva do homem e depois com raiva de mim mesmo que não sabia nem contar o dinheiro do meu trabalho. Minha mulher queria ir lá comigo brigar com o cara, mas eu disse pra ela que eu iria sozinho. Peguei a enxada e voltei lá, o homem disse que tinha dado vinte reais pra mim e que eu que estava mentindo. Fiquei com vontade de socar a enxada nele, mas quando ele falou que eu não sabia nem ler e que dirá conhecer dinheiro, eu fiquei com vergonha e falei que ia na polícia, mas não fui.

Naquele momento, os outros alfabetizando que ouviram a história de João clamavam por justiça, e indignados exprimiam frases entre os dentes: -Aí que raiva desse homem! – Eu daria uma enxadada nele! – Muito sem-vergonha esse cara!

A alfabetizadora sabiamente disse a todos: - Calma gente! João não poderia agredir o homem, senão quem iria preso era ele. Ele teria que denunciar sim.

Uma das alfabetizadas chamada Rosa teve uma ideia: - Vamos fazer uma “cota” e dar vinte reais para João?! A ideia deu certo. Todos colaboraram e ele recebeu os vinte reais.

E João meio envergonhado agradeceu porque estava “sem nada em casa”. E disse que estava feliz por alguém ter batido na porta da casa dele e oferecendo a aula de alfabetização no Centro Comunitário do Bairro.

A aula foi encerrada com os alfabetizandos se despedindo da alfabetizadora Beth e de mim com um sorriso no rosto e olhar de dever cumprido. Naquele dia fui para casa pensando como a aula foi um misto de tristeza e alegria. Tristeza por haver pessoas tão “pequenas” como o homem que enganou João, mas alegria pelo grande gesto de humanidade dos colegas de João – todos recebiam tão pouquinho, mas quiseram ajudar inclusive eu e alfabetizadora.

### **3 Análise da Narrativa à luz de Paulo Freire em diálogo com a Educação Social**

Olhar para a experiência educativa do João, a partir dos estudos de Paulo Freire, possibilitou-me refletir como a Educação Social pode favorecer a transformação de vidas de muitos sujeitos em processo de alfabetização por meio de uma política pública desenvolvida em espaços não escolares.

O alfabetizando João ao discutir o uso do dinheiro, afirmou ter compreendido o sistema monetário brasileiro, bem como, as operações básicas com o objeto, saberia como cobrar pelos seus serviços futuramente. João compreendeu ao se inscrever e participar do Programa Brasil Alfabetizado alterou o rumo das novas experiências de sua vida, e ficou muito grato com os colegas e professora que o ouviu.

Percebe-se que a experiência não atrapalhou a aula, pelo contrário, enriqueceu-a, e o fato da alfabetizadora não tê-lo interrompido em sua narrativa mostrou o respeito pelo alfabetizando. No livro *A importância do Ato de Ler*, Paulo Freire (1989) ressalta que é fundamental ouvir os alfabetizandos, pois estes, têm direito de dizer a sua palavra, assim como, os alfabetizadores têm o dever de escutá-los. Escutar como quem está interessado verdadeiramente naquilo que está sendo dito, não como um favor que se faz a alguém. Trata-se de um processo de falar *com* eles e não falar *para* eles. Falar a eles é uma maneira de não ouvi-los. Esse direito de ser ouvido, de dizer a sua palavra, deve ser garantido a todos, independente de serem participantes de curso de alfabetização, ou de cursos universitários, ou de escolas de ensino fundamental ou mesmo membros de uma assembleia popular, todos devem ter de dizer sua palavra garantido. Observa-se o papel do professor como um organizador de experiências que deve interagir com o aluno e respeitá-lo como um cidadão de direitos que está em constante formação. Procedendo um exercício da escuta contrariando a educação puramente bancária.

Freire advoga uma educação libertadora na qual o fim seja o exercício da democracia e constituição de uma sociedade mais justa. Apenas falar e não ouvir é assumir um papel arrogante e autoritário de imobilizador do conhecimento que supostamente transfere saberes





aos estudantes. É uma espécie de narcisismo oral que interpreta como petulante a classe trabalhadora reivindicar seus direitos, compreendendo-os como incultos e incapazes de exercerem seus direitos, requerendo ser libertados de cima para baixo. Arrogância nada tem a ver com libertação e democracia (Freire, 1989).

Paulo Freire (1996) em “Pedagogia da Autonomia” ressalta uma série de ações que precisariam compor a prática “educativo-crítica” ou progressista dos docentes. Dentre elas, a compreensão de que o ato de ensinar não significa transmitir conhecimentos, e sim, criar possibilidades para que os educandos produzam ou construam seus conhecimentos.

Nesse sentido, é necessário que haja uma rigorosidade metódica no ato de ensinar, o que não implica em educação bancária e sim na aproximação dos alunos aos objetos cognoscíveis. Esse processo não corresponde apenas a ensinar conteúdos, e sim ensinar a pensar certo. Esse pensar certo provoca os sujeitos a conhecerem o mundo, intervirem nele, e se entenderem como seres históricos e sociais que precisam conhecer o anteriormente produzido e se disponibilizarem a superar, ou ultrapassar tal conhecimento que “novo hoje” pode se tornar “velho amanhã”. O processo de pensar certo exige a saída da curiosidade ingênua para a “curiosidade epistemológica” algo que não ocorre automaticamente. O educador precisa organizar suas aulas de modo a ajudar o aluno a realizar essa transição, mas precisa respeitar os saberes que os alunos já trazem consigo e estimulá-los a alcançar a consciência crítica.

Nesse sentido, adverte que a experiência educativa não corresponde a simples treinamento técnico, formar requer ensinar os conteúdos e desenvolver a formação moral do educando. Pensar a experiência educativa longe da ética e da estética é uma transgressão ao exercício educativo. Pois, não se pode pensar certo sem prezar por princípios éticos (Freire, 1996).

Embora no Brasil a Educação Social e Educação Popular sejam considerados conceitos distintos, e o próprio Paulo Freire nunca tenha se denominado como educador social, é possível que ele talvez seja o Pedagogo mais conhecido e estudado pelos educadores sociais do Brasil e do mundo. Inclusive Freire chegou a ministrar formação para Educadores Populares de Rua. (Bravin, Paiva, Pinel, 2020).

Paulo Freire a partir de suas reflexões acerca de “uma educação popular, transformadora e que desperta a conscientização dos educandos”, foi considerado uma grande referência para a Educação Social. Ele nos ajuda pensar e potencializar um processo legítimo de alfabetizar compreendendo que os homens “se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987).



A Educação Social no Brasil originou-se nos movimentos populares buscando a garantia de direitos sociais a sujeitos que se encontravam excluídos, e que por muitas vezes, sem conhecimento ou sem condições de pronunciarem a própria voz vivenciavam as injustiças sociais. Assim como nas formações que ocorriam nos espaços de luta, nas ruas, passeatas, nos encontros nacionais entre outros, citados por Bravin, Paiva e Pinel (2020), em Ladário tínhamos nosso espaço de formação e reflexão sobre a prática, era nas sextas-feiras que emergiam as experiências que estavam transformando vidas. Os alfabetizadores das diversas áreas da cidade encontravam-se para planejar, pensar, propor... Tudo isso fazia parte do processo de garantir a Educação Social aos jovens e adultos ladarenses.

#### 4 Considerações Finais

A experiência de João permite refletir sobre como a educação pode deixar marcas positivas ou negativas em um estudante; como um professor ao organizar suas aulas pode favorecer o crescimento contínuo dos alfabetizando ouvindo o que os mesmos têm a dizer, os saberes que carregam consigo, das vivências, das experiências e relações que estabeleceram durante a vida. Seja professor ou educador social, em espaços escolares ou não escolares, a Educação de Jovens e Adultos precisa ser desenvolvida respeitando o sujeito, a fim de que a visão crítica, a leitura de mundo o desenvolvimento integral sejam alcançados.

#### Referências

BRAVIN, Rodrigo; PAIVA, Jacyara Silva de; PINEL, Hiran. As relações entre pedagogia social, educação social e educação popular no Brasil: saberes-fazer de resistência, produzindo subjetividades resilientes. **Ver. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 19, n. 02, p. 4-24, maio-ago. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/50913> Acesso feito em: 15 de mai. de 2023.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e h. da cultura. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.